



Terras
do Côa

da Malcata ao Reboredo

os valores do Côa

Ficha Técnica

Título

Terras do Côa / da Malcata ao Reboredo
Os Valores do Côa

Promotor e Editor

Estrela-Côa – Agência de Desenvolvimento Territorial da Guarda

Concepção e Coordenação

Parque Arqueológico Vale do Côa

Fotografia e Secretariado

Centro Nacional de Arte Rupestre

Edição co-financiada por

Programa de Desenvolvimento Integrado do Vale do Côa (PROCÔA)
Promoção do Potencial de Desenvolvimento Regional (PPDR)

Design Gráfico

José Luís Madeira

Execução

SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

Tiragem

1500 exemplares

Depósito legal

124831/98

ISBN

972-97832-0-9

1998

Fotografia da capa

Gravura rupestre de 1944, Foz do Rego da Vide, Vale do Côa (CNART)

Terras do Côa Da Malcata ao Reboredo

COORDENAÇÃO:

Alexandra Cerveira Pinto S. Lima

FOTOGRAFIA:

Manuel Almeida

AUTORES:

ALEXANDRA CERVEIRA PINTO S. LIMA

Mestre em Arqueologia (Instituto de Conservação da Natureza, colaboradora do Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANA MARGARIDA CARVALHEIRA

Mestre em História de Arte

ANTÓNIO FAUSTINO DE CARVALHO

Mestre em Pré-História e Arqueologia (Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANTÓNIO MARTINHO BAPTISTA

Arqueólogo (Director do Centro Nacional de Arte Rupestre)

FERNANDO MAIA PINTO

Arquitecto (Director do Parque Arqueológico Vale do Côa)

FRANCISCO SANDE LEMOS

Doutorado em Pré-história e História da Antiguidade (Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho)

GASPAR MARTINS PEREIRA

Doutorado em História Contemporânea (Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; coordenador do Grupo de Estudos Históricos da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto - GEHVID)

GONÇALVES GUIMARÃES

Mestre em Arqueologia (Director da Casa Municipal de Cultura/Solar Condes de Resende, V.N.Gaia; assistente convidado da Universidade Portucalense Infante D. Henrique)

HELOÍSA SANTOS

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

ISABEL ALEXANDRA LOPES

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

ISABEL MARIA FERNANDES

Bolseira de Doutoramento do Praxis XXI / Universidade do Minho

JORGE ARGÜELLO

Doutorado em História (pela Univ. de Oviedo) e bolseiro de pós-Doutoramento da *Fundación para el Fomento de la Investigación Científica Aplicada y Técnica del Principado de Asturias*

JORGE FORTUNA

Ecólogo (colaborador do Gabinete Municipal de Arqueologia e História da Câmara Municipal de Matosinhos)

LAURA CASTRO

Mestre em História de Arte (Departamento de Museus e Património da Câmara Municipal do Porto)

MARCOS OSÓRIO

Arqueólogo (Câmara Municipal do Sabugal)

MIGUEL AREOSA RODRIGUES

Mestre em Arqueologia (Instituto Português do Património Arquitectónico/Porto; investigador do GEVHID)

PAULA BARREIRA ABRANCHES

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

PAULO DORDIO

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

RICARDO TEIXEIRA

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

SUSANA COSME

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

SUZANA FARO

Pós-Graduada em Museologia (Responsável pelo Museu da Indústria Têxtil, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão)

THIERRY AUBRY

Doutorado em Arqueologia (pela Univ. de Bordéus) (Parque Arqueológico Vale do Côa)

Sumário

Introdução	7		
CAPÍTULO I			
CENTROS DE POVOAMENTO:			
UM PERCURSO PELAS VILAS MEDIEVAIS			
Notas de viagem pelas vilas do Riba Côa e algumas vilas no Riba Douro	15		
I – Quatro antigas vilas que guardavam o Douro:			
Freixo de Espada à Cinta, Mós, Urros e Alva	15		
II – No final do século XIII a aldeia de Torre de Moncorvo substituiu a vila de Santa Cruz da Vilarça	18		
III – Vila nova do rei D. Dinis na foz do rio Côa	22		
IV – Vila Velha de Numão - Um projecto de investigação arqueológica em curso	24		
V – Três Comendas Velhas da Ordem de Cristo:			
Longroiva, Muxagata e Meda	30		
VI – Da «cidade» romana dos Aravi à vila medieval e moderna de Marialva	32		
VII – Da <i>penela</i> alto medieval de «Moraria» à vila fortificada de Moreira de Rei	36		
VIII – A vila de Trancoso onde D. Dinis festejou as bodas do casamento com D. Isabel de Aragão	38		
IX – Castelo Melhor e Almendra: duas vilas do reino de Leão que passaram a ser uma só no Reino de Portugal	41		
X – A vila leonesa de Castelo Rodrigo, a vila portuguesa de Pinhel e o passo do Côa na Ponte Velha	43		
XI – A vila medieval de Almeida sob a praça militar de fronteira dos séculos XVII e XVIII	51		
XII – A vila leonesa de Castelo Bom, a vila portuguesa de Castelo Mendo e o passo do Côa no Porto de S. Miguel	55		
XIII – Duas pontes do Côa no caminho entre três vilas leonesas e duas vilas portuguesas	59		
CAPÍTULO II			
O APROVEITAMENTO DE RECURSOS E A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM: UM PERCURSO PELAS QUINTAS			
Apontamentos sobre a Vinha e o Vinho no Douro Superior	77		
O Côa, as quintas e o povoamento romano subjacente	85		
– As Quintas	85		
– Quintas, <i>villae</i> e povoamento em época romana	87		
– Outras modalidades do povoamento romano	90		
– Percursos	92		
CAPÍTULO III			
CONSTRUÇÃO E ESPAÇO SAGRADO:			
UM PERCURSO PELA ARQUITECTURA RELIGIOSA			
Património Religioso Edificado e Arte Sacra.			
Registo de ocorrências discretas		103	
<i>O Mosteiro Cisterciense de Santa Maria de Aguiar</i>		117	
CAPÍTULO IV			
SABERES TRADICIONAIS: O BARRO, O FERRO E A SEDA			
A Olaria		135	
– A olaria de Felgar / Larinho		136	
– A olaria de Santa Comba / Barreira		137	
A Olaria de Malhada Sorda		141	
O trabalho do ferro		144	
Olhares sobre a seda nas terras do Côa		151	
CAPÍTULO V			
TERRAS DO CÔA: DOMINANDO A PAISAGEM			
Património Natural do Vale do Côa: uma abordagem		163	
Senhora do Castelo de Urros		166	
Senhora do Castelo da Adeganha		168	
Senhora dos Montes Ermos		170	
Marialva		173	
Sabugal Velho		174	
Caria Talaia		176	
Sortelha		178	
CAPÍTULO VI			
TERRAS DO BAIXO CÔA:			
PERCURSOS DA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA			
As gravuras, a beleza e a liberdade		183	
O povoamento paleolítico da bacia do baixo Côa		184	
Do fim do Paleolítico à aquisição da Escrita no Baixo Côa		190	
A arte do Côa e Alto Douro e o Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART)		196	
Ler na Paisagem Contemporânea Paisagens Medievais e Modernas		202	
Das Escavações arqueológicas ao Museu de Sítio da Ervamoira: um programa global de investigação multidisciplinar		205	
Projecto de Investigação Arqueológica do Território do Monte do Castelo (Almendra)		209	



Capítulo V

Terras do Côa:
dominando a paisagem

Francisco Sande Lemos
Jorge Fortuna
Paulo Dordio
Marcos Osório

SENHORA DO CASTELO

Bragança, Torre de Moncorvo, Urros

No cume de um *inselberg* quartzítico, que se destaca sobre o vale do rio Douro e sobre os relevos de xisto envolventes, usufruindo de um excelente domínio estratégico, conserva-se a capela da Senhora do Castelo, um pequeno templo recentemente restaurado, sem que a traça antiga tenha sido alterada. Para sudoeste, avista-se o Castelo de Calábria e para sul Castelo Melhor. Delimitando o cume, nota-se uma linha de muralha de aparelho grosseiro, formado por pedras de quartzo sobrepostas, que delimita um perímetro subcircular. No corte produzido pela abertura de um acesso à capela, nota-se a estrutura da muralha, formada por dois muros, com o miolo interior preenchido por pedras e terra. Verifica-se, também,



que a muralha visível foi construída sobre uma outra, com o mesmo tipo de aparelho, embora a sua estrutura não seja observável sem uma limpeza do corte. Junto a este corte recolhe-se cerâmica de várias épocas: medieval, romana e da Idade do Ferro. Porém, a mais abundante é a olaria calcolítica, com decorações incisas ou penteadas.

Admitimos duas hipóteses interpretativas: a muralha mais antiga é calcolítica e a superior da Idade do Ferro (eventualmente reutilizada na Idade Média); a muralha inferior é da Idade do Ferro e a superior da Baixa Idade Média.

Acesso: o acesso à Senhora do Castelo faz-se por um caminho de terra batida que parte do bairro sul da aldeia de Urros, na direcção sul-sudeste, passando junto à Igreja de Santo Apolinário. Pouco depois deste templo, toma-se um segundo

caminho (só acessível a pé ou a veículos todo-o-terreno), que se dirige para o monte onde se ergue a capela, caminho que acaba numa rechã próxima.

Localização: Carta 1:25 000: 141; Coord. GAUSS: 291.9; 457.0; Altitude: 667 metros.

Caracterização: povoado calcolítico; castro da Idade do Ferro romanizado; castelo medieval.

Bibliografia: ALVES 1934: 471; ALVES 1938: 274; NETO 1975: 302.

Desde Argote que existem referências a minas de ouro, no termo de Urros. De facto, na vertente oeste do cabeço onde foi implantado o Castelo de Urros, observam-se vestígios de trabalho mineiro, designadamente cortes a céu aberto e uma profunda galeria (designada Buraco dos Mouros). No sopé do *inselberg* quartzítico observam-se numerosos fragmentos de cerâmica romana e escória de ferro. Embora

não exista uma carta geológica da região, ou estudo geo-mineiro, supomos que a exploração seria de ouro. Apesar de não haver dados concretos para a datação da galeria e dos cortes, a proximidade do *habitat* romano, e o despovoamento desta zona na Baixa Idade Média, sugerem uma cronologia romana para estas minas.

Localização: Carta 1:25 000: 141; Coord. GAUSS: 291.9; 457.0; Altitude: 650 metros.

Caracterização: minas romanas provavelmente de ouro.

Bibliografia: ALVES 1938: 274; 288-299; NETO 1975: 304; TRANOY 1981: 221.

No sopé noroeste do castro da Senhora do Castelo, numa rechã abrigada e soalheira, em terrenos de vinha e amendoeiras, observam-se numerosos fragmentos de cerâmica romana, de construção e doméstica, bem como escórias de ferro. Segundo o Abade de Baçal, no cume da Senhora do Castelo, ao realizarem-se obras no adro em 1852, foi achado um tesouro de moedas romanas, conjunto que nunca chegou a ser estudado e cujo paradeiro se ignora, pelo que também se desconhece a sua cronologia.

Localização: Carta 1:25 000: 141; Coord. GAUSS: 292.0; 456.5; Altitude: 500 metros.

Caracterização: povoado romano mineiro.

Bibliografia: ALVES 1934: 477; ALVES 1938: 274; NETO 1975: 302.

A Igreja de Santo Apolinário no caminho para a Senhora do Castelo, é uma construção ampla, de estrutura românica, mas de traça simples, despida de ornamentos. É um templo antiquíssimo, muito famoso no século XVII por, supostamente, conter a sepultura do santo mártir. Nos terrenos a norte da igreja, adjacentes a um interessante cruzeiro, ocupados por olivais, hortas e vinhas muradas, observam-se numerosos fragmentos de escória de ferro e de material de construção atribuível à época romana.

Localização: Carta 1:25 000: 141; Coord. GAUSS: 292.7; 457.0; Altitude: 570 metros.

Caracterização: povoado romano provavelmente do Baixo Império; povoado provavelmente alti-medieval; templo medieval.

Bibliografia: ALVES 1938: 274; NETO 1975: 302.

Francisco Sande Lemos

A Senhora do Castelo de Urros é o mais agreste de todos os locais visitados, e talvez por isso um dos mais belos. Na direcção sul - sudoeste sucedem-se as encostas, protegidas da nudez por um manto quase contínuo de giestas, estevas e mato rasteiro, aqui e ali interrompidos na sua monotonia por pequenos rectângulos lavrados e uma ou outra árvore (oliveiras, pinheiros e um esporádico eucalipto), de contornos sinuosos, provocados pela terrível e ininterrupta ventania que se faz sentir. Nas arribas fronteiras ao Douro, de ambas as margens, algumas zonas de socacos abertas recentemente aguardam vinhedos ou oliveirais. A jusante, relativamente perto, desagua o Côa.

Para noroeste, destaca-se na paisagem a povoação de Urros, alcandorada num cabeço de contornos mais suaves, envolta por campos cultivados com a incontornável trilogia de oliveiras, amendoeiras e cereal.

No caminho para a vetusta capela não deixe de parar na Igreja de Santo Apolinário para admirar as frondosíssimas amoreiras, de porte verdadeiramente impressionante, e perscrutar as redondezas à procura da pega azul (*Cyanopica cyanus*) e do sardão (*Lacerta lepida*), do qual vimos um exemplar de tamanho perfeitamente antediluviano.

Jorge Fortuna



SENHORA DO CASTELO DA ADEGANHA

Bragança, Torre de Moncorvo, Adeganha

A Senhora do Castelo situa-se num «castelo» granítico sobranceiro à ribeira da Vilariça, a meia altura entre o altiplano da Adeganha e o fundo do vale, com acesso simultâneo aos solos mais húmidos da depressão e aos solos mais leves e secos do planalto. A sua posição geo-estratégica é excelente, pois que domina amplos horizontes, abrangendo todo o troço inferior do vale da Vilariça. Talvez devido a estas condicionantes é um sítio ocupado ao longo dos milénios, com abundantes materiais. Registam-se cerâmicas calcolíticas, da Idade do Bronze, da Idade do Ferro, da época romana e medievais. Naturalmente, a última sequência é a mais bem representada observando-se inúmeros alicerces de habitações que se dispunham em